

15 AGO 1989

A três meses
do dia 15

Ricardo A. Setti *

Hoje a conta é redonda: faltam três meses para o Brasil cruzar a barreira do vexame e voltar a eleger o presidente da República pelo voto direto. Em compensação, faltam só quatro dias — contado o de hoje — para que um dos absurdos genuinamente brasileiros se abata sobre os candidatos. Recapitulando, para quem não se lembra: esgota-se nesta sexta-feira, dia 17, o prazo final para registro de candidaturas no Tribunal Superior Eleitoral. A legislação prevê que, feito oficialmente o registro, os candidatos não podem mais comparecer a programas de entrevistas e debates do rádio e na TV até o início do horário de propaganda gratuita administrado pela Justiça Eleitoral, que começa no dia 15 de setembro.



Com isso, teremos o paradoxo de que, agora que a campanha eleitoral começa a esquentar, receberá uma cavalgada carga de gelo. Nada a estranhar, num país em que automóvel usado volta e meia custa mais caro do que carro novo, e em que boi magro já teve preço mais alto do que boi gordo.

Antes do mergulho compulsório dos candidatos no silêncio eletrônico, vale uma repassada no panorama das principais candidaturas, a saber:

Fernando Collor de Mello: sua recusa em participar de debates com outros candidatos, como os dois que a Rede Bandeirantes de Televisão voltou a realizar esta semana, não parece ter afetado um milímetro sua trajetória. Costuma dizer que faz o que acha melhor para sua candidatura. Sempre cabe perguntar se a atitude é também a melhor para a democracia brasileira e para o interesse da opinião pública, mas do ponto de vista de estratégia eleitoral sua postura é perfeita. Nos debates, teria quase nada a ganhar e muito, potencialmente, a perder. Ocupou com esperteza os espaços de entrevistas no rádio e na televisão — sua aparição na série ao vivo com presidentiáveis feita pelo *Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo na semana passada, por exemplo, foi impecável. Além disso, teceu uma rede de alianças sem precisar pedir nada a ninguém, nem assumir qualquer compromisso. Os apoios que tem recebido em áreas responsáveis pelo que há de pior na política brasileira, porém, acabarão inevitavelmente lhe custando um preço. Por outro lado, a eclosão de atos de baderna contra sua pregação só tende a beneficiá-lo.

Leonel Brizola: recebe críticas, é alvo de alfinetadas dando conta de que empacou, parece irritado e de pavio curto, mas o certo é que, pessoalmente, exala genuína confiança. Seu principal objetivo — chegar ao segundo turno — continua firme no horizonte, a julgar pelas pesquisas de opinião que ele próprio tanto ataca. Sabe em que bater, e escolhe o alvo sempre tendo em mente polarizar com seu competidor mais próximo, de forma a ser um dos dois que sobrarão da peneirada de 15 de novembro. Confia em poder aglutinar uma frente anti-Collor no segundo turno, reunindo de tudo, até o que chama de “conservadores esclarecidos”. Mas sua falta de perspectivas em São Paulo e Minas Gerais, que sozinhos reúnem um terço do eleitorado brasileiro, segue sendo uma sombra a pairar sobre suas chances. Em São Paulo, só quem efetivamente não conhece o estado pode imaginar que tenha recuperação.

Luís Inácio Lula da Silva: procura analisar as pesquisas desfavoráveis de forma serena, mas na verdade está abatido com a reviravolta que o fez desabar da situação de um dos favoritos, em janeiro passado, para o time dos candidatos intermediários, a 30 pontos do líder, agora. Estranhamente, decidiu relegar a segundo plano o rádio e a TV nas últimas semanas em que entrevistas e

debates são livres, partindo para um corpo-a-corpo eleitoral de eficácia duvidosa, e que de toda forma poderia ser reservado ao “mês de silêncio” que vai deste fim de semana até 15 de setembro. Repele com veemência a sugestão de que entre os fatores que golpeiam sua candidatura está a confusão nas administrações municipais do PT. O fato é que até seu fidelíssimo companheiro de lutas sindicais Jacó Bittar, prefeito de Campinas, um colosso paulista de 1,2 milhão de habitantes, foi engolfado pelo sururu ideológico que separa o partido de muitos de seus prefeitos, *pragmatizados* pela lida com a dura vida real de suas cidades.

Mário Covas: superada a traumática renúncia do ex-governador pernambucano Roberto Magalhães à condição de vice em sua chapa, recebeu o alento de uma modesta, mas sensível subida nas pesquisas. Não chegou a ser nenhuma maravilha, mas é interessante notar que deixou longe o doutor Ulysses Guimarães e seu PMDB e, embora acossado por Paulo Maluf, do PDS, já embola com Lula. Pode chegar em posição razoável no horário eleitoral gratuito no qual, com sua voz de barítono e tudo, já mostrou serviço em 1986, com a espetacular votação que alcançou para o Senado.

Paulo Maluf: está, para variar, animado. Em sua avaliação, Ulysses não se recupera mais; Covas, entre outros problemas, não terá recursos financeiros para fazer a campanha que deveria; Lula já foi para o brejo. Assim, considera que vão sobrar na luta pelas duas vagas do segundo turno Collor, Brizola e ele mesmo. Seu objetivo é começar o horário do TRE já em terceiro lugar. Escolheu Brizola como adversário preferencial do momento, e é nele que, daqui para a frente, vai bater mais.

Ulysses Guimarães: não passa recibo de suas dificuldades. Como os índices de preferência do PMDB, nas pesquisas, são quatro a cinco vezes superiores aos de sua candidatura, é natural que faça a campanha preferencialmente dentro do partido, como tem feito. Nos intervalos de suas andanças, instalado na magnífica sala de sua confortável casa paulistana, manifesta uma confiança férrea, inabalável em que estará no segundo turno. Tem sobre Collor uma análise original: ele já disse tudo o que tinha que dizer, e sua mensagem tende a desgastar-se, daqui para a frente. Vê problemas em todos os outros principais concorrentes, e acha que tem espaço para crescer muito. A questão é que são em número cada vez menor os líderes do PMDB que acreditam nisso.

Guilherme Afif Domingos: perde muitos eleitores por ser visto como um candidato competente, mas sem chance de vencer. Se crescer nas pesquisas, pode furar essa bolha mortal a qualquer pretensão. Em termos práticos, precisa inchar a bancada do PL no Congresso para aumentar seus cinco minutos diários no horário eleitoral, dos quais apenas magríssimos dois e meio minutos no horário nobre. É bom de televisão.

Aureliano Chaves: depois de passar a primeira fase de sua candidatura lutando para vencer as prévias do PFL, ingressou numa segunda, em que explicava diariamente que não iria renunciar. Agora, entrou numa terceira fase: a de admitir que poderá não ir até o fim. Assim, nem Jesus Cristo ganha eleição.

Roberto Freire: não vai ganhar, mas já fez mais pela imagem do *Partidão* do que qualquer outra coisa nos últimos cinquenta anos. Não é pouco.

Ronaldo Caiado: o ímpeto galvanizador de apoios no poderoso lobby ruralista na Constituinte não se transferiu para o candidato da legenda de aluguel PSD. Se continuar assim, não sai do 1%.

Afonso Camargo: impedir que o PTB fosse para o mercado persa da comercialização da legenda foi a única coisa que sua candidatura conseguiu até agora.